

29/Mai/80
à Sr. Eug. Maria de Lurdes Pinheiro
com grande estima e admiração de
Luis Samuel Monteiro

INTERVENÇÃO MUSEOLÓGICA NA ÁREA DO PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS

(comunicação apresentada ao 1º Colóquio dos Amigos do
Parque Nacional da Peneda-Gerês – IIIª secção)

NOTA PRELIMINAR NECESSÁRIA

Antes de iniciar esta comunicação sobre a intervenção museológica projectada para a área do Parque Nacional da Peneda-Gerês, não posso deixar de notar o modo como foi formulado o tema da IIIª secção deste colóquio.

Na verdade, reduzir uma reflexão sobre o desenvolvimento do Parque Nacional da Peneda-Gerês aos três únicos parâmetros enunciados – estética, cultura e lazer – parece-me conduzir a uma perspectiva bastante empobrecedora da questão fundamental que aqui nos ocupa e que é, em última análise, a do futuro de uma região reconhecidamente complexa.

Mas as palavras não se articulam inocentemente e a formulação apresentada não é talvez accidental, já que traduz um ponto de vista que, embora inadequado ao Parque Nacional da Peneda-Gerês, é o que normalmente se aplica aos parques nacionais do estrangeiro que, por serem áreas em que o homem não reside, podem ser concebidos unicamente numa perspectiva turística e científica.

Certo de que os organizadores deste colóquio têm uma visão do desenvolvimento do Parque Nacional da Peneda-Gerês bem mais alargada que aquela que, certamente por desatenção, veio escrita nos programas divulgados, passo ao assunto da minha comunicação que, espero, mereça a atenção dos presentes e traga para este debate algumas achegas que, porventura, possam ajudar à clarificação do modelo de desenvolvimento adequado à região da Peneda-Gerês e à caracterização de alguns dos instrumentos necessários à sua concretização.

O PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS COMO PROJECTO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE UM TERRITÓRIO

Já foram aqui apresentadas (secções I e II) as razões que justificam a existência do Parque Nacional da Peneda-Gerês e que decorrem do valioso património natural e cultural que, por variados condicionalismos, se conservou até hoje naquela área e que importa, finalmente, por ao serviço da Grande Comunidade dos Homens.

No entanto, é importante sublinhar que o valor desse património resulta fundamentalmente da alteração – degradação – profunda dos ambientes que se tem levado a cabo noutras áreas do país e do mundo em consequência da adopção de modelos de desenvolvimento que assentam no crescimento económico acelerado, o que 'transformou' a área que hoje se integra no Parque Nacional numa região onde 'estranhamente' a Natureza ainda se manifesta em muito da sua força e equilíbrio e onde os homens têm continuado a saber viver com a inteligência de não introduzir dinâmicas incontrolláveis nos mecanismos de equilíbrio do ambiente que criaram.

É esta presença humana que confere ao Parque Nacional da Peneda-Gerês uma grande originalidade em relação aos seus congêneres do estrangeiro e que também lhe atribui a grande responsabilidade de poder vir a ser o pioneiro de um novo conceito de parque nacional ao conseguir demonstrar o interesse e a possibilidade de manter, em equilíbrio dinâmico, ecossistemas complexos em que o homem intervém (*1).

Efectivamente, é a presença humana que constitui o principal desafio e a principal fragilidade do projecto do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

O homem, ao introduzir nos mecanismos naturais as alterações decorrentes das suas necessidades culturais, ao ordenar o território em zonas de cultivo, zonas de pastoreio e zonas de floresta, pela destruição do que terá sido a floresta natural original, construiu um ecossistema artificial muito sensível que exige, para que não se desencadeiem processos de degradação rápida e irreversível, uma actividade contínua de controle e manutenção.

Essa actividade, que consiste essencialmente no conjunto dos gestos e dos ritmos da agricultura e do pastoreio tradicional e que tem condicionado toda a vida das comunidades serranas, só se manteve, no entanto, até hoje, devido ao grande isolamento a que toda a região esteve sujeita.

Na verdade, alterada esta situação, surgem dinâmicas de ruptura muito poderosas que tendem a ser rapidamente interiorizadas pelas populações e a actuar no sentido da alteração profunda de todo o sistema dos comportamentos tradicionais, com a consequente introdução de graves perturbações no equilíbrio do ambiente.

Este processo, que decorre de uma crise da consciência rural de certo modo generalizada a todas as regiões não urbanas do país, tem na área da Peneda-Gerês a gravidade complementar de poder vir a comprometer seriamente o futuro do Parque Nacional.

É assim, e porque as populações que aí residem, trabalham e vivem têm inquestionavelmente o direito de aí permanecer e de aí construir o seu futuro, que o projecto do Parque Nacional da Peneda-Gerês implica obrigatoriamente um projecto de desenvolvimento global desse território, que contemple, de forma integrada, as áreas do cultural, do social e do económico e que assuma a relação crítica e criativa do homem com o seu espaço e a sua história, única forma de evitar desequilíbrios ecológicos irreparáveis ou vazios culturais igualmente empobrecedores.

No entanto, é necessário também referir que o Parque Nacional da Peneda-Gerês, o seu projecto institucional, é forçosamente produto de um discurso cultural exterior à região por ele abrangida, um acidente no percurso 'natural' da sua história e, desse modo, terá sempre que ser assumido como uma proposta e um desafio da comunidade exterior às populações residentes naquela área.

O DESENVOLVIMENTO CULTURAL E A INTERVENÇÃO MUSEOLÓGICA NA ÁREA DO PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS

O modelo de desenvolvimento global, tal como ficou definido, implica necessariamente uma atenção primordial aos aspectos do de-

envolvimento cultural, já que é a esse nível que se podem institucionalizar os mecanismos da dinamização e da avaliação permanente de todo o processo.

Como instrumentos do desenvolvimento cultural, os museus podem desempenhar um importante papel na concretização do projecto do Parque Nacional da Peneda-Gerês, quer como suporte da procura de uma nova e necessária consciência rural — eventualmente de uma consciência de Parque Nacional —, quer ainda como apoio à relação especial que se pretende promover entre esse território e a população que o visita.

Interessado nas questões teóricas e técnicas que, ao nível dos museus, o tratamento de uma região, enquanto tal, envolve e nas implicações museológicas do conceito de parque nacional; interessado no estudo e ensaio de novas formas para os museus, que os transformem em instituições muito participadas pelas comunidades onde se inserem, em instrumentos do seu discurso cultural local ou regional (*2), apresentei à Direcção do Parque Nacional da Peneda-Gerês, em março de 1979, o primeiro estudo para o projecto de intervenção museológica naquela área (*3) que, convém aqui realçar, mereceu a melhor atenção e acolhimento, nomeadamente, da parte do seu Director, Eng.º José Moreira da Silva.

Nesse projecto propõe-se que:

Na perspectiva da conservação do património cultural e da institucionalização de mecanismos culturais de dinamização e avaliação permanente do processo de desenvolvimento das populações locais, os museus a constituir devem, por um lado, ser entendidos na sua função específica, como locais destinados a recolher, estudar e apresentar conjuntos documentais devidamente referenciados e interpretados e, por outro lado, como espaços culturais muito participados pelas populações nos vários aspectos da sua criação, organização e funcionamento e, desse modo, constituírem não só um reflexo estático de situações mas, também, um instrumento crítico da sua transformação.

No estudo e divulgação do conteúdo do território da Peneda-

-Gerês, os museus devem ser organizados de modo a constituírem centros de documentação e informação para apoio aos vários programas de investigação a desenvolver e, também, como locais em que se interpretem e comuniquem os resultados desses trabalhos.

Numa outra perspectiva, mais globalizante, a ideia do Parque Nacional da Peneda-Gerês, pela diversidade dos valores que contempla, coincide com um conceito de REGIÃO-MUSEU (*4) que deve assim informar todas as acções de conservação, estudo, valorização e divulgação a empreender.

Concretamente, prevêem-se três níveis de intervenção, complementares entre si, em que se procura articular um diálogo entre as populações locais e os visitantes do Parque e a que correspondem outros tantos tipos de unidades museológicas de diferente complexidade e dimensão (*5):

num 1º nível, prevê-se a criação de MUSEUS DE LOCALIDADE, muito participados pelas populações em todos os aspectos da sua criação, organização e funcionamento, onde se recolham colecções variadas de âmbito local e que constituam centros motivadores de uma actividade cultural intensa;

num 2º nível, prevê-se a criação de MUSEUS ORGANIZADOS POR ÁREAS DE INVESTIGAÇÃO E/OU POR ÁREAS GEOGRÁFICAS, ECOLÓGICAS E CULTURAIS, que constituam o apoio necessário aos vários programas de estudo, onde se recolham colecções especializadas e em que se apresentem sínteses interpretativas;

num 3º nível, considera-se, finalmente, o grande MUSEU AO AR LIVRE constituído pelos locais de interesse distribuídos pelo território da Peneda-Gerês, organizado por meio de percursos temáticos, trilhos guiados, painéis interpretativos e outras informações complementares devidamente localizadas, apoiado por uma exposição de síntese a instalar eventualmente na sede do Parque Nacional.

Fundação Cuidar o Futuro

A base de todo este esquema, na perspectiva do modelo de desenvolvimento atrás apontado, é, sem dúvida, o MUSEU DE LOCALIDADE que talvez convenha aqui caracterizar melhor nos seus aspectos mais relevantes (*6):

Os MUSEUS DE LOCALIDADE — e a designação de 'museu' pode não ser sempre a mais própria para designar essas instituições — devem constituir-se essencialmente como memória das comunidades e como um espaço, não necessariamente físico, onde elas possam reflectir sobre si mesmas, sobre a sua história, sobre o seu futuro.

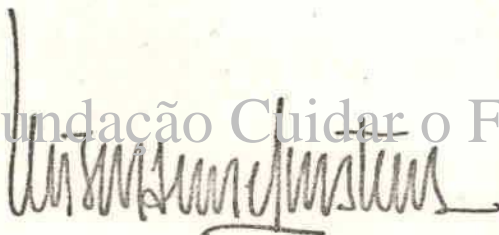
Os MUSEUS DE LOCALIDADE podem constituir-se a partir de uma, qualquer, reflexão sobre a vivência e o património cultural local, eventualmente a partir de uma recolha de objectos ou outros valores que essa comunidade, enquanto tal, possui (*7); podem desenvolver-se nas formas mais diversificadas de organização, instalação e apresentação (*8); no entanto, devem surgir sempre muito ligados às comunidades, concebidos, organizados e utilizados por elas, numa acção que vise repor as práticas tradicionais, hoje em regressão, da associação entre as pessoas para a concretização de objectivos de interesse comum.

A título exemplificativo da actividade que o Parque Nacional da Peneda-Gerês já iniciou no âmbito deste projecto de intervenção museológica (*9), passo a transcrever um texto que, integrado numa exposição itinerante sobre o património arqueológico da área do Parque e a propósito do Museu de Castro Laboreiro (*10), foi já divulgado em algumas povoações daquela zona:

- O que hoje somos é o resultado do que foram as muitas gerações que viveram antes de nós.
- Foi delas que recebemos uma grande parte dos conhecimentos que utilizamos na nossa vida e que constituem a nossa CULTURA — modos de utilizar a natureza, formas de viver em comunidade, maneiras de estar, de sentir, de agir.
- Cada homem, em cada geração, ao longo do tempo, procurou acrescentar a essa SABEDORIA DE TODOS os conhecimentos colhidos na sua experiência individual.

- O grande valor da cultura que herdámos resulta do facto de ela constituir um conjunto de conhecimentos que, durante séculos, muitas vezes milénios, foram experimentados e colectivamente reconhecidos como úteis.
- É por isso que a comunidade tem o dever de transmitir aos seus filhos esse património intacto e, se possível, enriquecido, na esperança de que o futuro possa ser melhor que o presente.
- Hoje, quando a maneira de viver se transforma tão depressa que os valores tradicionais se perdem muitas vezes, um MUSEU pode servir para ajudar a guardar e transmitir essa cultura que é de todos.

Fundação Cuidar o Futuro



Luis Manuel Mateus

Braga, 30.mar.80

NOTAS:

- (*1)- Sobre esta concepção do Parque Nacional da Peneda-Gerês:
- KOMAREK, E.V.; KOMAREK, Betty: COMMENTS ON FIRE MANAGEMENT FOR PORTUGAL: FOREST, WILDLIFE AND RANGE. Tall Timbers Research Station, Tallahassee, Florida, U.S.A., 1976, pp.37-47.
 - SILVA, José J.R. Moreira da: O PAPEL DOS PARQUES NACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO CULTURAL. Simposio Nacional de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (tema B), maio de 1979.
- (*2)- Em Portugal, a reflexão sobre estas novas formas de museu tem sido principalmente realizada em torno da actividade do Grupo de Trabalho MUSEUS-UNESCO e do seu consultor, Dr. Per-Uno Ågren.
- (*3)- MATEUS, Luis Manuel: ESTUDO PRÉVIO PARA UM PROJECTO DE INTERVENÇÃO MUSEOLÓGICA NA ÁREA DO PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS. Braga, março de 1979.
- (*4)- Conceito que se pode aproximar dos de CIDADE-MUSEU e CASA-MUSEU e que corresponde a um projecto de conservação do património 'in situ', numa perspectiva de descentralização cultural.
- (*5)- Este esquema de intervenção museológica na área do Parque Nacional da Peneda-Gerês deverá, como é óbvio, ser permanentemente aferido e eventualmente reformulado ao longo dos vários momentos do seu processo de concretização.
- (*6)- O MUSEU DE LOCALIDADE, tal como aqui se propõe, não é fácil de caracterizar, já que, pelo menos em teoria, cada caso pode ser substancialmente diferente dos outros.

No entanto, como referência, convém aqui citar a experiência realizada pelo Instituto Nacional de Antropologia e História do México no campo dos museus escolares e dos museus locais:

- LARRAURI, Iker: LE PROGRAMME DES MUSÉES SCOLAIRES AU MEXIQUE. Museum, vol.XXVII, n.2, 1975, pp.60-69.
- GALICIA, Yolanda Ramos: CRÉER SON MUSÉE - UNE EXPÉRIENCE COMMUNAUTAIRE. Nouvelles de l'ICOM, vol.29, n.4, 1977, pp.6-11.

Para a caracterização das necessárias estruturas de apoio técnico

aos MUSEUS DE LOCALIDADE, refere-se também a experiência da Suécia com o Riksställningar e com centros de apoio como o Kulturarvet de Falun, o Arkitekt Centrum de Gävle, etc.

- (*7)- Podem constituir-se com base na recolha e organização de uma colecção sistemática de velhas alfaias agrícolas, de fotografias antigas, de narrativas tradicionais ou de quaisquer outros elementos culturais locais; mas podem partir também de uma colecção de objectos heterogêneos ou simplesmente de uma reflexão sobre a aldeia, sobre a festa ou sobre qualquer outro aspecto da vivência colectiva local.
- (*8)- Podem surgir da actividade de um grupo já constituído dentro da comunidade – os alunos da escola, o grupo de danças ou a comissão da festa – e podem também ser iniciados por um grupo que se constitua para o efeito; podem instalar-se num edifício notável, espalhar-se um pouco por todo o espaço da aldeia ou nem sequer possuir um espaço caracterizadamente próprio; podem assumir a forma relativamente estável de uma colecção de uma exposição ou de um arquivo, mas também podem constituir-se simplesmente como um conjunto de actividades.
- (*9)- Embora já anteriormente se tivessem avançado projectos pontuais de constituição de unidades museológicas na área do Parque Nacional da Peneda-Gerês – por exemplo: o Museu de Vilarinho das Furnas e o Museu de Castro Laboreiro –, uma intervenção museológica global e coordenada naquela área só agora se está a iniciar:
- A partir da discussão do projecto apresentado (*3) e da definição das infraestruturas mínimas necessárias, constituiu-se, ainda em fim de 1979, uma pequena equipa que, com o apoio da Unidade de Museologia da Universidade do Minho, começou já a trabalhar.
- (*10)- O projecto do Museu de Castro Laboreiro – adaptação de um conjunto de construções antigas – é da autoria do Arq.^o António Meneres, também presente neste colóquio.

L.M.M.